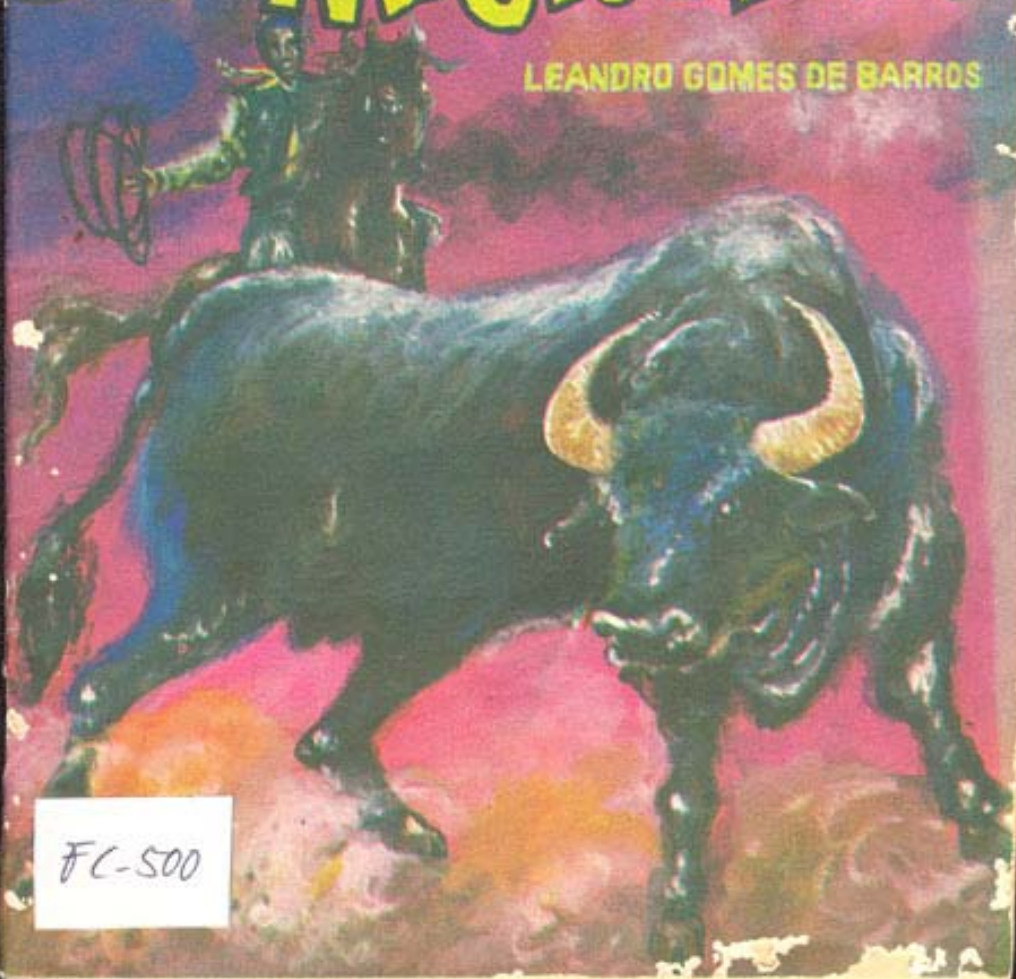


HISTÓRIA DO

# Boi Misterioso

LEANDRO GOMES DE BARROS



FC-500

LEANDRO GOMES DE BARROS

L DCAAS

*Edição J.  
Vol. I - 458*

★

# HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na  
Biblioteca Nacional

*VSPESQ - p. 7 - 2.ª ed.  
- 4.ª ed.  
VCOFBN - p. 17  
DENPVQ - p. 21 - 5.ª ed.*

★

*Apóstico: LEANDRO*



**LUZEIRO EDITORA LIMITADA**  
RUA JOÃO BOEMER, 528 - FONE: 93-8559  
C G C 43.826.643/0001 - 03018-SÃO PAULO

LEANDRO GOMES DE BARROS

HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO



Leitor vou narrar um fato  
De um boi da antiguidade  
Como não se viu mais outro  
Até a atualidade  
Aparecendo hoje um dêsses  
Será grande novidade.

Duraram vinte e quatro ano  
Nunca ninguém o pegou  
Vaqueiro que tinha fama  
Foi atrás dêle chocou  
Cavalo bom e bonito  
Foi lá porém estancou.

Diz a história: êle indo  
Em desmedida carreira  
Acaso enroscava um chifre  
Num galho de catingueira  
Conforme fôsse a vergôntea  
Arrancava-se a touceira.

Êle nunca achou riacho  
Que de um pulo não saltasse  
E nunca formou carreira  
Que com três légua cansasse  
Como nunca achou vaqueiro  
Que em sua cauda pegasse.

Muitos cavalos de estima  
Atrás dêle se acabaram  
Vaqueiros que em outros campos  
Até medalhas ganharam  
Muitos venderam os cavalos  
E nunca mais campearam.



É preciso descrever  
Como foi seu nascimento  
Que é para o leitor poder  
Ter melhor conhecimento  
Conto o que contou-me um velho  
Coisa alguma eu acrescento.

Já completaram trinta anos  
Eu estava na flor da idade  
Uma noite conversando  
Com um velho da antiguidade  
Em conversa êle contou-me  
O que viu na mocidade.

Foi em mil e oitocentos  
E vinte e cinco êste caso  
Uma época em que o povo  
Só conhecia o atraso  
Quando a ciência existia  
Porém oculta num vaso.

No sertão de Quixelou  
Na fazenda Santa Rosa  
No ano de vinte e cinco  
Houve uma sêca horrorosa  
Ali havia uma vaca  
Chamada "Misteriosa".

Isso de Misteriosa  
Ficou o povo a chamar  
Porque um vaqueiro disse  
Indo uma noite emboscar  
Uma onça na carniça  
Viu isso que vou narrar.

Era meia-noite em ponto  
O campo estava esquisito  
Havia até diferença  
Nos astros do infinito  
Nem do nambu nessa hora  
Se ouvia o saudoso apito.

Dizia o vaqueiro: eu estava  
Em cima dum arvoredor  
Quando chegou esta vaca  
Que me causou até medo  
Depois chegaram dois vultos  
E ali houve um segredo.

O vaqueiro viu que os vultos  
Foram de duas mulheres  
Uma delas disse à vaca  
Parte por onde quiseres  
Eu protegerei a ti  
E aos filhos que tiveres.

Ali o vaqueiro viu  
Um touro preto chegar  
Então disseram os vultos  
São horas de regressar  
Disse o touro montem em mim  
Que o galo já vai cantar.

Aí clareou a noite  
O vaqueiro pôde ver  
Eram duas moças lindas  
Que mais não podia haver  
O touro era de uma espécie  
Que êle não soube dizer.

Ele então ouviu montar  
Viu quando o touro saiu  
A vaca se ajoelhou  
E atrás dêle séguiu  
Depois veio a onça e êle  
Atirou-lhe ela caiu.

Por isso teve essa vaca  
Daí em diante êsse nome  
Uns chamavam-na feiticeira  
Outro a vaca lobisomem  
Diziam que ela era a alma  
De um boi que morreu à fome.  
O coronel Sezinando  
Fazendeiro dono dela  
Se informando da história  
Não quis que pegassem ela  
Disse que o morador dêle  
Não tirasse leite nela.

No ano de vinte e quatro  
Pouca chuva apareceu  
Em todo sertão do Norte  
A lavoura se perdeu  
Até o próprio capim,  
Faltou chuva não cresceu.  
Então entrou vinte e cinco  
O mesmo verão trincado  
Morreu muita gente à fome  
Quase não escapa o gado  
Escapou alguma rês  
Lá num ou noutro cercado.

A vaca misteriosa  
Não houve mais quem a visse  
O dono não importava  
Que ela também sumisse  
Podia até pegar fogo,  
Que na fumaça subisse.

A vinte e quatro de agosto  
Data esta reciosa  
Que é quando o diabo pode  
Soltar-se e dar uma prosa  
Pois foi nesse dia o parto,  
Da vaca misteriosa.

Dela nasceu um bezerro  
Um pouco grande e nutrido  
Prêto da côr de carvão  
O pêlo muito luzido  
Representando já ter,  
Um mês ou dois de nascido.  
Um vaqueiro da fazenda  
Assistiu êle nascer  
Foi a noite a casa grande  
Ao coronel lhe dizer  
O coronel disse então:  
— Se nasceu deixe crescer.

Em março de vinte e seis  
Estava o inverno pegado  
O coronel Sezinando  
Mandou juntar todo gado  
Que êle queria saber,  
Que reses tinham escapado.  
Então o misterioso  
Pôde vir no meio do gado  
Trazia o dito bezerro  
Grande e muito bem criado  
O que era de vaqueiro  
Vinha tudo admirado.

Um índio velho vaqueiro,  
Da fazenda do Destêrro,  
Disse ao coronel me falte  
A terra no meu entêrro  
Quando aquela vaca velha  
For mãe daquele bezerro.  
Ali mesmo o coronel  
Tomando nota do gado  
Tirou as vacas paridas  
Das que tinham escapado  
Soltou a misteriosa  
Devido ficar cismado.

Com um ano e meio êle tinha  
Mais de seis palmos de altura  
Uns chifres grandes e finos  
Com um palmo de grossura  
O casco dêle fazia,  
Barroca na terra dura.



Sumiu-se o dito bezerro  
E a vaca misteriosa,  
Depois de cinco ou seis anos  
Na fazenda venturosa  
Viram-no com a marca,  
Da fazenda Santa Rosa.

O vaqueiro conheceu  
O boi ser do seu patrão,  
Viu que havia de pegá-lo  
Por ser sua obrigação  
E juntou ambas as rédeas  
Esporou o alazão.

Partiu em cima do boi  
Andou perto de pegá-lo  
Com dezoito ou vinte passos  
Talvez pudesse alcançá-lo  
Era sem limite o gósto  
Que tinha de derrubá-lo.

Mas o boi se fêz no casco  
E no campo se estendeu,  
Gritou-lhe o vaqueiro boi  
Tu não sabes quem sou eu!  
O boi que boto o cavalo,  
É carne que apodreceu.

Com menos de meia légua  
Estava o vaqueiro perdido,  
Não soube em que instante  
O tal boi tinha-se ido  
Estava o cavalo suado,  
E já muito esbaforido.

Voltou então o vaqueiro  
Sem saber o que fizesse,  
Pensando ao chegar em casa  
Então que história dissesse  
Se pegando com os santos:  
Que o coronel não soubesse.

Contou então o vaqueiro  
O que se tinha passado  
Dizendo que aquêle boi  
Só sendo bicho encantado  
Se havia mandinga em boi  
Aquêle era batizado.

No outro dia seguiram  
Seis vaqueiros destemidos  
Em seis cavalos soberbos  
Dos melhores conhecidos  
Pois só de cinco fazendas  
Puderam ser escolhidos.

VSPESE

Foi Norberto da Palmeira  
 Ismael do Riachão,  
 Calixto do Pé da Serra,  
 Félix da Demarcação,  
 Benvenuto do Destêrro,  
 Zé Preto do Boqueirão.

Tinha já ido dizer  
 Na fazenda Santa Rosa,  
 Que o vaqueiro Apolinário  
 Da fazenda Venturosa  
 Tinha encontrado com o boi  
 Da vaca misteriosa.

O coronel duvidou  
 Quando contaram-lhe o fato,  
 Disse a pessoa, os vaqueiros  
 Já seguiram para o mato,  
 O coronel foi atrás,  
 Saber se aquilo era exato.

Disse então Apolinário  
 Que andava campeando  
 Viu um boi preto bem grande  
 E dêle se aproximando  
 Viu no lado esquerdo o ferro  
 Do coronel Sezinando.

Pois bem, disse o coronel  
 Esse garrote encantado  
 Quando desapareceu  
 Inda não estava ferrado  
 Foi-se orelhudo de tudo,  
 Nem sequer estava assinado.

Pois tem na orelha esquerda  
 Três mesas e um canzil,  
 Tem na orelha direita  
 Brinco lascado e funil  
 O ferro de Santa Rosa,  
 Está nêle a marca buril.

Foram onde Apolinário  
 A tarde o tinha encontrado  
 Pouco adiante estava êle  
 Numa malhada deitado  
 Levantou-se lentamente,  
 Como quem estava enfadado.

Aí tratou de partir  
 Em desmedida carreira  
 O coronel Sezinando  
 Disse ao vaqueiro Moreira  
 Aquêle não há quem pegue;  
 Voltemos pois é asneira.



Disse o vaqueiro Norberto  
Eu posso não o pegar  
Porém só me desengano  
Quando o cavalo cansar  
Nunca vi boi na igreja,  
Para padre o batizar.

Norberto tinha um cavalo  
Chamado "Rosa do Campo"  
Calixto do Pé da Serra,  
Um chamado "Pirilampo"  
O de Apolinário "Nisce"  
Era de raça de pampo.

O do vaqueiro Israel  
Chamava-se "Perciano"  
O do Índio Benvenuto  
Chamava-se "Soberano"  
Félix tinha um poldro preto  
Chamado "Riso do Ano".

O do vaqueiro Zé Preto  
Tinha o nome de Calixto,  
Dentre todos os cavalos  
Aquêlê era o mais bonito  
Era filho de um cavalo  
Que trouxeram do Egito.

Era meio dia em ponto  
Quando formaram carreira  
O boi fazia na frente  
Uma nuvem de poeira  
Nos riachos êle pulava  
De uma a outra barreira.

Zé Preto do Boqueirão  
Foi quem mais se aproximou  
Quase pega-lhe a cauda  
Porém não o derrubou  
Ficou tão contrariado  
Que depois disso chorou.

Dizia que nunca viu  
Em boi tanta ligeireza  
Como no cavalo dêle  
Nunca viu tanta destreza  
E disse que um boi daquele  
Para um sertão é grandeza.

Perguntou o coronel  
O boi será encantado?  
Não senhor disse Zé Preto  
Isso de encanto é ditado  
Ê boi como outro qualquer  
Só tem que foi bem criado.

Eram seis horas da tarde  
 Já estava tudo suado  
 Não havia um dos cavalos  
 Que não estivesse ensopado  
 Porque mais de cinco léguas  
 De um fôlego tinha tirado.

O coronel Sezinando  
 Disse vamos descansar  
 Vaqueiro de agora em diante  
 Tem muito em que se ocupar  
 Eu só descanso a meu gôsto  
 Quando êsse boi se pegar.

Disse o índio Benvenuto  
 Coronel se desengane  
 Êsse boi não é pegado  
 Nem que o diabo se dane  
 Cavalo não chega a êle  
 Inda que por mais se engane.

Tenho sessenta e dois anos  
 Em cálculo não tenho um êrro  
 E disse que me faltasse  
 O chão para o meu entêrro  
 Quando aquela vaca fôsse,  
 A mãe daquele bezerro.

Disse o coronel você  
 É um caboclo cismado  
 Não deixa de acreditar  
 Nisso de boi batizado  
 E mesmo aquêle não é,  
 O tal bezerro encantado.

Não é? Ora não é!  
 Veremos se êle é ou não  
 Vossa senhoria ajunte  
 Os vaqueiros do sertão  
 Do Rio da Prata ao Pará  
 E depois me diga então.

Disse o coronel caboclo  
 Zé Prêto não pegou êle?  
 Ora pegou coronel  
 Mas não sabe quem é êle  
 Dou a vida se houver um  
 Que traga um cabelo dêle.

Eu digo com consciência  
 Senhor coronel Sezinando  
 O boi é misterioso  
 Para que estar lhe enganando  
 O boi é filho de um gênio  
 Uma fada o está criando.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

